

No Salgado tem de tudo (ou Uma cidade dentro de Caruaru)

Wecisley Ribeiro do Espírito Santo
Doutor em Antropologia Social e professor adjunto da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)¹

wecisley@gmail.com

Resumo

O artigo traz um relato sobre o trabalho dos produtores e comerciantes de vestuário de Caruaru-PE-BR, tomando como referência suas territorialidades específicas. Para tal recorre à descrição do maior bairro do município, predominantemente habitado por trabalhadores. O objetivo é chamar atenção para o modo pelo qual as relações de vicinalidade e parentesco subjazem às estratégias econômicas destes trabalhadores, engendrando não apenas as múltiplas práticas profissionais que se testemunha no local, senão também o bairro ele próprio (com suas características urbanísticas e econômicas). O material apresentado foi registrado durante o trabalho de campo etnográfico realizado na região, entre os anos de 2009 e 2013. Os resultados sugerem a relevância da organização familiar e vicinal do trabalho para o desenvolvimento urbano e regional, no contexto etnográfico.

Palavras chave: cidade; trabalho; vestuário; feira livre.

Abstract

The article presents an account of the work of the Caruaru-PE-BR clothing producers and merchants, taking as reference their specific territorialities. For this it refers to the largest neighborhood in the municipality, predominantly inhabited by workers. The objective is to draw attention to the way in which the relationships of vicinality and kinship underlie the economic strategies of these workers, engendering not only the multiple professional practices witnessed in the place, but also the neighborhood itself (with their urban and economic characteristics). The material presented was recorded during the ethnographic fieldwork conducted in the region between 2009 and 2013. The

1 Pesquisador e membro fundador do Núcleo de Antropologia do Trabalho do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ (NuAT/PPGAS/MN/UFRJ).

results suggest the relevance of the kin and vicinal organization of the work for the urban and regional development, in the ethnographic context.

Keywords: city; work; clothing; free marketplace.

Introdução

“Aqui os moradores encontram um comércio completo. São farmácias, mercadinhos, lojas de móveis. O setor de confecções impulsiona a economia do bairro. Motivada pela feira da sulanca, aqui estão localizadas mais de 280 fábricas de pequeno e médio porte”².

“Nós temos no Salgado ruas extremamente desenvolvidas como a Rua Tupi, a Rua Barão, a Rua Santa Luzia, todo o perímetro da feira. São lugares onde o valor monetário dos imóveis é elevado porque o comércio é fluente”³.

“Eu vou te levar lá no Salgado pra gente dar uma circulada pelo bairro”. Eis uma das primeiras coisas que Eugênio me disse quando nos conhecemos pessoalmente, em 2009. Falamos-nos primeiro por telefone, por ocasião de minha chegada a Caruaru-Pernambuco-BR. Anunciei-lhe o intento de fazer uma pesquisa sobre os trabalhadores do vestuário da cidade. Encontramos-nos no dia seguinte, quando ele apresentou um resumo de suas impressões sobre o tema ao fim do que arrematou com o convite para a visita ao bairro que é também seu local de residência e de trabalho. Como eu viria a descobrir ao longo do tempo, *dar uma circulada pelo bairro*⁴, do ponto de vista de Eugênio, trazia importantes implicações para a compreensão daquele universo.

Já no início de nossa caminhada, vencidos os primeiros cem metros da rua de sua casa, minha impressão foi de que já seria, sem dúvida, profícuo empregar todas as energias, dias a fio, apenas neste pequeno percurso inicial. Quer nos voltássemos para o lado direito da rua, quer para o esquerdo, era impossível não notar a onipresença da produção de vestuário. Fosse pelas inumeráveis pilhas de peças e partes de peças em jeans e outros materiais difusas pela maior parte das varandas das residências, ou pelas máquinas de costura que as ladeavam, ou ainda pelo som de aparelhos similares a funcionar ocultos,

2 “Salgado: uma cidade no país de Caruaru”. Reportagem da TV Jornal – emissora local – exibida em maio de 2008. Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=84KQIEGhtQs> (Acesso em 29 de agosto de 2017)

3 Cientista Social entrevistada na mesma reportagem.

4 Todas as expressões e termos êmicos são registrados em itálico, sobretudo quando aparecem pela primeira vez, mas também quando vale apenas enfatizar seu significado.

no interior das casas, mas também pela cor azul do pequeno córrego⁵ que corta o bairro e pelos resíduos de tecido e outros componentes têxteis eventualmente recolhidos por catadores; o fato é que estes e outros indícios não deixavam dúvida alguma quanto à atividade precípua do bairro do Salgado – a produção de roupas em jeans e tecidos similares.

Estabelecido na casa que me foi destinada por dona Eugênia (mãe de Eugênio e, junto com seu esposo, José Mário, principal informante da pesquisa), da qual passei a ser inquilino, saí para a rua durante a tarde, com a intenção de comprar água e comida para passar a noite. Diante do conjunto de residências contíguas nas quais vive toda a família, há uma pequena praça com dois bancos de madeira em um dos quais se encontrava Mário, segundo mais velho dos quatro filhos de minha anfitriã. Fomos apresentados por ela própria, também sentada em um dos bancos, sob a copa de uma árvore que completa a praça. Disse-lhes que pretendia encontrar um local para fazer compras, “talvez no centro de Caruaru”, comentei. Mário então me sugeriu ir ao supermercado do próprio bairro, “um pouco mais caro que os do Centro”, disse ele, “mas também bastante completo”. Em seguida, instou um tio seu a pegar uma motocicleta *da família*⁶ e me levar até o supermercado e o depósito de água, ambos no próprio bairro. Seguimos, pois, de moto; primeiro para o mercado, em seguida para o depósito de água. Intrigava-me, no percurso, pensar sobre como conseguiríamos retornar com o garrafão de vinte litros de água, que meu acompanhante havia sugerido ser *mais em conta*, além das sacolas com os produtos do mercado, sobre a moto. O rapaz então sacou de duas cordas elásticas e, inacreditavelmente, amarrou tudo nos poucos espaços vazios existentes no veículo. Esta foi a primeira vez que deparei as habilidades dos *motociclistas* de Caruaru no que diz respeito ao transporte de grandes volumes de materiais sobre uma motocicleta. Depois disso, por inumeráveis vezes, testemunhei da janela de casa, nas feiras, andando pelos bairros e pelo centro, motocicletas pequenas transportando quantidades surpreendentes de peças de vestuário.

A sugestão de Mário para que eu fosse ao mercado do próprio bairro não foi gratuita. A maioria dos interlocutores que encontrei formula, vez por outra, com muito orgulho, uma variação da frase: *No Salgado tem de tudo, é uma cidade dentro de Caruaru*. É o caso deste morador do Salgado, que constrói um argumento expressivo do contexto simbólico – isto é, a imagem que os próprios moradores fazem de seu bairro ou, para empregar

5 Uma crítica à poluição dos rios da região, perpetrada por lavanderias e tinturarias, foi sintetizada nos seguintes termos em um outdoor de Caruaru: “Poluição: rios da cor da moda”.

6 A centralidade do trabalho por conta própria em detrimento de relações de assalariamento, na região, é referida pelas expressões nativas *trabalho com a família e trabalho para a família*. O dinheiro que resulta desta organização familiar (e, como veremos, vicinal) do trabalho é frequentemente investido na aquisição de bens duráveis (notadamente veículos automotores e imóveis) que, por conseguinte, permanecem como posse coletiva *da família*. Cf. a este respeito Espírito Santo (2015).

um conceito construído por Norbert Elias sob inspiração da psicanálise, o “ideal do nós” (Elias & Scotson 2000) – a partir do qual Mário me recomendou ir ao mercado do bairro em detrimento do Centro da cidade:

“Nos tempos passados, o próprio pão nós tinha que comprar lá na cidade, não é isso? E hoje tudo que a gente precisa tem no bairro. Por isso que eu digo que é uma grande cidade dentro da outra. Não precisa ninguém sair do seu bairro pra comprar alguma coisa lá fora. Porque de tudo a gente tem”. (Morador do Salgado).

Este modo de conceber o próprio bairro não constitui, no entanto, peculiaridade dos moradores do Salgado. É possível testemunhar o mesmo padrão compartilhado de descrição do local de moradia (e sempre, a um só tempo, de trabalho) também em Boa Vista – outro bairro no qual predomina a produção de vestuário:

“Eu não troco o meu bairro por qualquer bairro da cidade. Não desmerecendo os outros, mas aqui nós não temos carência em relação ao que precisar: colégio, hospital, supermercado, feira. Nós temos uma feira que hoje é considerada a maior feira de bairro da cidade, uma feira organizada. O bairro tem tudo que a gente precisa”. (Jorge Casagrande, presidente da associação de moradores de Boa Vista).

Alguns interlocutores que conheci expressam grande orgulho do bairro, associado à percepção espontânea de que o fortalecimento da economia local depende da agência dos próprios moradores. Este sentimento se contrapõe ao estigma que circula na cidade segundo o qual tanto o Salgado quanto Boa Vista (também chamado de COAHB) são *bairros pobres, violentos, perigosos, etc.* Creio que esta dimensão simbólica constitui um aspecto importante, que estimula o comércio interno, as práticas de ajuda mútua como também, o que é mais importante para nosso tema, a organização familiar e vicinal do trabalho na *sulanca* – categoria que se refere à produção e comercialização de vestuário do agreste pernambucano. Duas versões sugerem, respectivamente, ser o termo 1- uma junção de *helanca* (tecido) e *sul* (referido à região sudeste, supostamente local de proveniência dos primeiros retalhos que serviram de insumos para a produção artesanal de vestuário), e 2- uma simplificação de *sucata de helanca* (com uma acepção pejorativa e outra positivada, que enfatiza as habilidades de reaproveitamento material dos trabalhadores do agreste). O presente artigo apresenta um fragmento etnográfico do mundo da *sulanca*, interpretado a partir destas formas locais de conceber a territorialidade dos bairros predominantemente habitados por produtores e comerciantes de vestuário de *baixo custo*, os chamados *sulanqueiros*.

Uma cidade dentro de outra

Do ponto mais alto de um dos não muito numerosos outeiros existentes em Caruaru, avista-se o centro da cidade evidenciado por seus numerosos e monumentais edifícios erguidos nos últimos anos. Esta mancha urbana confere um fundo ao quadro que então se vislumbra. Outrora este monte contrastava com a cidade e, como “fazenda Salgado”, foi eternizado por José Condé em seu romance “Terra de Caruaru”.

O bairro do Salgado, no entanto, é antes, atualmente, *uma cidade dentro de Caruaru*, conforme é apresentado aos seus visitantes pelas pessoas que nele residem. Com os prédios do centro, compõem o quadro contemplado de sua parte mais alta, as estreitas e proeminentes chaminés que denunciam centenas de lavanderias de jeans que não se pode visualizar senão ao caminhar por entre as residências locais. E, como que plasmando uma inversão de perspectiva, a cidade, ao fundo, exhibe vertiginosos edifícios que emergem do relevo pouco sinuoso enquanto, em primeiro plano, estas chaminés (de silhueta mais estreita) engendram a ilusão de serem edificações mais distantes e também mais numerosas. De fato, se parecem enganosamente afastados no espaço, do ponto de vista social esta *cidade* – que faz lembrar a expressão consagrada por José Sergio Leite Lopes, “cidade das chaminés” (1988) – dista da imagem convencional do subúrbio subdesenvolvido em contraste com o centro, melhor equipado. É que *no Salgado tem de tudo*, segundo os que nele vivem. E o termo *tudo* aqui apresenta muitos níveis de significado sobre os quais devemos concentrar atenção nominalmente.

Em primeiro lugar, há, neste território, *de tudo* que carece a produção de vestuário em jeans e tecidos similares: lojas de máquinas de costura, de aviamentos, oficinas mecânicas de máquinas e lojas de peças, lavanderias e tinturarias, *confeções* (unidades industriais de produção de vestuário), *fabricos*, *facções* (estas duas últimas referidas a unidades domiciliares de produção de vestuário em sua integralidade, no primeiro caso, ou de uma parte dele, no segundo⁷) e, embora não existam tecelagens, não faltam galpões com estoque de tecidos. Por sinal, a proliferação de galpões para a estocagem de tecidos, aviamentos e outras mercadorias constitui um fenômeno importante no mundo da *sulanca*. Trata-se de um aspecto da cultura material dos sulanqueiros altamente expressivo de suas estratégias econômicas. Do ponto de vista destas estratégias, a capacidade de estocar mercadoria é um aspecto secundário como motivação para a construção destes prédios. A

7 Posto que o foco do presente artigo concentra-se na organização familiar e vicinal do trabalho e sobre como esta dinâmica estrutura territorialidades específicas, não há espaço para explorar, pormenorizada e etnograficamente, estes importantes termos nativos – algo já feito alhures. Cf. a respeito destas categorias êmicas, Espírito Santo (et. al., 2017), Espírito Santo (2015), Espírito Santo (2013a), Espírito Santo (2012), bem como minha tese de doutoramento, Espírito Santo (2013b).

motivação primária é a propriedade do imóvel e si. Um investimento de pouco risco para os recursos financeiros obtidos (e sempre economizados) com a *sulanca*, que constitui uma garantia para tempos futuros no contexto de uma economia informal, caracterizada pela incerteza e sazonalidade do *movimento* da feira.

Em segundo lugar, há de tudo que é necessário a todas as etapas iniciais da “vida social dos objetos” (Appadurai 1986) característicos da *sulanca*; isso quer dizer que, além dos elementos elencados na frase anterior, ligados à produção, o espaço da comercialização está também presente no bairro – não apenas lojas de vestuário abastecidas com a produção local, senão também a *feira do Salgado*, onde é possível encontrar os produtos da *sulanca*.

Em um terceiro nível, no *Salgado tem de tudo* como a *feira de Caruaru*, onde “de tudo que há no mundo, nela tem pra vender”⁸. De fato, a feira do Salgado é, por assim dizer, um modelo em miniatura da tradicional feira da cidade e a comentada vocação *cosmopolita* de Caruaru se faz sentir nesta outra *cidade* que se encontra englobada pela primeira. Explorei etnograficamente esta ideia do *cosmopolitismo* caruaruense alhures (Espírito Santo, *et. al., op.cit.*); registre-se, contudo, que este constitui um aspecto simbólico da identidade local com forte incidência sobre a materialidade dos objetos produzidos pelos *sulanqueiros*. Encarnado, por exemplo, nas imagens impressas e bordadas nas roupas da feira da *sulanca*, cujos temas compreendem, com incrível frequência, aqueles veiculados pela grande mídia – copa do mundo, olimpíadas, celebridades comentadas no momento. Todo tema em destaque mundial é passível de se converter em adorno para as peças da *sulanca*, o que em teoria, incrementa as vendas. Os modelos que estão *na moda*, em cada ocasião, são também o carro-chefe da produção; peças de vestuário utilizadas por personagens das telenovelas são prontamente reproduzidas e comercializadas nas feiras da região. No Salgado tem de tudo, pois, porque em Caruaru tem de tudo.

A configuração urbana tem sofrido profundas alterações, conferindo à cidade ares ainda mais claros de *capital do agreste*. Caruaru parece ser uma cidade em construção permanente e os canteiros de obras em andamento do centro assemelham-se às casas em processo de ampliação contínua e sem reboco do Salgado. Destarte, a exemplo das regiões convencionalmente concebidas como *centrais* em Caruaru, o Salgado também tem conhecido seu crescimento vertical. A verticalização da cidade, em geral, e dos bairros de trabalhadores, em particular, constitui outro tema nativo muito repetido pelas pessoas que conheci. O aquecimento do setor de construção civil estimulado pela economia da *sulanca*

8 Trecho da música *A feira de Caruaru*, escrita pelo compositor caruaruense Onildo Almeida e gravada por Luiz Gonzaga, em 1955.

constitui, neste contexto, um índice das transformações operadas pelo setor de vestuário. Já não são minoritárias as residências com dois ou três andares – o que concorre ainda um pouco mais para obliterar, em meio às construções, não apenas as lavanderias, senão também todas as unidades de produção de vestuário ali presentes. Se, conforme a descrição de David Harvey (2014), a fase contemporânea do capitalismo encontra dois de seus pilares precípuos no rentismo do mercado financeiro e no investimento em produção urbana com fins igualmente especulativos, seria razoável supor que, em Caruaru, coexistem o grande capital urbano e um capitalismo de vetor invertido; constituído de baixo e que, no entanto, lança mão de estratégias homólogas de investimento dos lucros: a construção civil. A conhecida urbanista da Universidade de São Paulo, Ermínia Maricato, sugeriu algo parecido acerca do rentismo: “o morador de favela pode se apropriar de uma pequena renda com um canudinho e o incorporador [representando o capital urbano] se apropria com um canudão”⁹. No bairro do Salgado a metáfora do “canudinho” se aplica, sem dúvida, à produção de imóveis pelos sulanqueiros. Entretanto, no contexto etnográfico ora apresentado, tais imóveis estão longe de ser ociosos, como costuma ser a regra entre os grandes especuladores urbanos; antes o que se observa é uma prodigiosa multiplicidade de usos, por assim dizer, nestes anexos das residências.

Fabricos, facções, confecções, lavanderias, lojas de aviamentos, lojas de peças mecânicas, oficinas de máquinas de costura e de outros equipamentos; espaços que podem confundir um observador adventício porquanto, a um só tempo, laborais e residenciais. O local de moradia é, com frequência, o de trabalho – variando às vezes apenas o andar da casa no qual se produz, de um lado, a vida e, de outro, suas condições materiais. Este é outro contraste com o centro da cidade, onde a especialização do espaço público e do privado é mais evidente. Isso não significa que, no Salgado, não existam diferenças entre o interior da casa (privado) e a rua (pública). De fato, o que parece existir é uma maior continuidade entre ambos. E, no entanto, se a *casa* é também local de trabalho e a rua – ou antes a *vizinhança* – continua a ser um território *da família* isso só ocorre mediante um processo seletivo de “familiarização” (Comerford 2003) e de criação de “vicinalidades” (Pina Cabral & Lima 2005: 369), do que a *confiança* e o ser *conhecido* constituem condições de recrutamento. Mas se nos casos elencados por Pina Cabral e Lima, a constituição de vicinalidades enfatiza a produção de vizinhança entre parentes, de um lado, e o relato de Comerford nos sugere ser o tratamento de vizinhos e conhecidos em termos de uma família extensa, de outro, no bairro do Salgado, em particular, mas também entre

9 Frase enunciada por Maricato, no debate “Copa, paixão e negócio”, organizado pelos Comitês Populares da Copa do Mundo do Rio de Janeiro, no ano de 2012. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Cta-dh7ehMQo> (Acesso em 16 de janeiro de 2018).

os trabalhadores da sulanca, em geral, não se pode propor anterioridade ou causalidade linear, entre *família* e *vizinhança*. Com efeito, vínculo e vizinhança se sobredeterminam na mesma razão em que afeto e família; podendo se observar “familiarização” de vizinhos e “desfamiliarização” (outra categoria analítica de Comerford) entre pessoas vinculadas por parentesco.

Seu José Mario foi talvez quem melhor caracterizou o Salgado e sua importância no contexto não apenas da cidade, mas de toda a região agrestina, apresentando-me sua multiplicidade de setores profissionais e sua posição em Caruaru, do ponto de vista econômico e político. O primeiro tema que evocou referiu-se aos chamados *fabricos* de roupas.

“Veja você que este bairro aqui é o bairro mais populoso de Caruaru. Têm 80 mil habitantes! E a cada dez casas, oito são fabricos. Veja você, Toritama tem 23 mil habitantes, Santa Cruz do Capibaribe tem 70 mil habitantes, Surubim tem...”.

E enumerou, com grande destreza, diversas cidades contíguas a Caruaru, fornecendo suas respectivas cifras populacionais.

“Então veja, só o bairro do Salgado tem uma população maior que todas estas cidades e de algumas delas somadas entre si. E em dez casas, oito são fabricos. Só de lavanderia de jeans tem umas duzentas. Então o bairro do Salgado economicamente é o mais forte de Caruaru. É o que segura Caruaru e a feira da Sulanca. Se um candidato a prefeito criar problemas aqui ele perde as eleições.”

Seu José Mário me expunha suas ideias com uma voz firme, formidável articulação e uma força que dissuadiria qualquer demógrafo da região de duvidar de seus números¹⁰. O argumento que ele formulara a partir de sua descrição do bairro do Salgado, fazia referência a um tema bastante recorrente nas falas dos demais habitantes do local, bem ilustrado nas múltiplas variações da frase nativa: *O Salgado é uma cidade dentro de outra*.

10 O crescimento populacional do bairro do Salgado se beneficiou das próprias oportunidades econômicas e laborais abertas pelo trabalho dos sulanqueiros. Com efeito, isso se coaduna com os números de migração de retorno registrados na região. Lyra (2005 : 145) argumenta que a Mesorregião do agreste pernambucano – entre as décadas de 1970 e 2000 – “enquanto mostrou-se propensa a perder menos população, exibiu, em compensação, a tendência a receber mais retornados”. Donde poderemos concluir que uma parte dos migrantes do litoral retornou antes para o agreste.

A feira do Salgado

“O bairro com ambição de cidade. É aqui que está localizada uma das maiores feiras livres de Caruaru. São cerca de mil bancos cadastrados e cem mercados registrados”¹¹.

Se a *Feira de Caruaru* é Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, a *feira do Salgado* não constitui “lugar de memória” (Nora 1989) menos importante. E se são imprecisas as fronteiras entre ofícios profissionais e as práticas propriamente domésticas, sua continuidade é a feira do Salgado. Tal como o ritmo da produção, a feira por vezes invade também a esfera doméstica. Primeiro porque este mercado popular funciona em algumas ruas estreitas, quase nos quintais das residências e, por vezes, em suas varandas mesmas. É fácil imaginar que as casas localizadas nas ruas onde ocorre, aos sábados e domingos, a feira do Salgado, tenham seu espaço por ela parcialmente tomado por obra dos próprios moradores. Mais surpreendente, contudo, é descobrir que mesmo casas mais afastadas convertem-se, nos fins de semana, por assim dizer, em *bancos*¹² anexos desta feira.

Este é precisamente o caso da residência de José Sinovaldo. Sua casa dista pelo menos 1 km do território da feira do Salgado e, ainda assim, uma fração da *feira de carnes*¹³ do bairro é antecipada em cerca de 12 horas, na sua varanda. O trecho de seus depoimentos que reproduzo abaixo, além de evocar a organização familiar do trabalho na costura de vestuário, também ilustra a coexistência de ofícios que é um aspecto central das estratégias econômicas de muitas famílias de trabalhadores da região. Aspecto objetivado, neste exemplo, no banco de carnes em que sua varanda se converte, às sextas-feiras – uma espécie de prévia à feira do Salgado, no dia seguinte.

“Aqui em casa trabalham quatro pessoas na sulanca. É tudo da família mesmo. Todo mundo trabalha com isso aqui. E minha mãe, além de trabalhar na sulanca, trabalha com carne também. Toda sexta-feira, a partir das seis horas da tarde já tem carne aqui. Aí o que sobra, a gente vende na feira do Salgado sábado e domingo”.

Estas informações foram narradas em entrevista concedida, na interseção entre

11 “Salgado: uma cidade no país de Caruaru”. Reportagem da TV Jornal – emissora local – exibida em maio de 2008.

12 *Banco* é nome dado às bancadas de madeira sobre as quais são expostos os produtos comercializados nos circuitos de feiras livres de Pernambuco e adjacências.

13 Tal como a grande feira de Caruaru, as feiras dos bairros são amiúde divididas em setores, conforme os produtos comercializados. Em todos os casos estas seções são também tratadas como feiras autônomas – feira de carne, feira de farinha (a qual, além de farinhas de diversos gêneros, comercializa também produtos derivados, como pães e bolos), feira as sulanca (vestuário), feira do Paraguai (produtos eletrônicos historicamente provenientes daquele país e hoje de São Paulo).

garagem e a varanda de José Sinovaldo. Na parede da varanda que se encontrava às costas de meu interlocutor à direita (do ponto de vista de um observador externo à casa), é possível ver um balcão azulejado típico de açougues, encimado por uma barra que serve de suporte para dezenas de ganchos de carne. A partir das 18h00min das sextas-feiras a *facção* de vestuário da família de Sinovaldo converte-se em uma “*facção*” da feira de carnes do Salgado. Na casa dele, como em incontáveis outras da vizinhança, a feira do Salgado começa um dia antes.

Mas não é apenas esta interpenetração de ofícios, nas estratégias econômicas dos trabalhadores do bairro, que ilustra a continuidade entre a feira de Caruaru e a feira do Salgado. São os mesmos também os personagens principais que atuam neste cenário. O *carroceiro*, por exemplo, é figura onipresente nas ruas do bairro, tal qual no Parque 18 de Maio. Não por acaso, estas tradicionais carroças constituem o meio mais apropriado para o transporte das mercadorias – tanto por vendedores quanto por consumidores – nestas vielas estreitas que quase se entopem de gente, nas manhãs dos fins de semana. E são muitas e de múltiplos formatos, de acordo com os recursos materiais de seus condutores – desde carrinhos de mão característicos da construção civil, passando por carroças de madeira construídas artesanalmente pelos próprios carroceiros, até equipamentos maiores e mais resistentes feitos de ferro, típicos daqueles empregados no transporte de grandes volumes de objetos, em galpões de estoque. Poder-se-ia dizer que os carroceiros produzem o primeiro nível de mobilidade de pessoas, objetos e coisas vinculadas ao mundo da sulanca¹⁴. Da ubiquidade dos *carroceiros*, nas feiras da região, passando pela homóloga onipresença dos *motociclistas* transportadores de vestuário, na cidade, e dos carros com carroceria (mediadores da diversidade material entre feiras de municípios distintos da região e mesmo entre agreste, sertão e zona da mata pernambucana), até os *sacoleiros* – comerciantes nômades que chegam à região em busca de vestuário com preço adequado à revenda nas regiões de origem, por vezes, noutro país ou continente¹⁵ –, o que se ob-

14 Talvez fosse mais apropriado, como sugeriu um leitor atento deste artigo, falar em fluxos de materiais ou de coisas; empregando, portanto, os termos de Tim Ingold (2012). Quer isto dizer que materiais e energia (conceitos mais abrangentes que os tradicionais “humanos” e “não humanos”) se organizam em fluxos, sob a forma de metabolismos ecologicamente integrados e adaptados e em constante transformação ou – para empregar outra categoria de Ingold – movimento. E, no entanto, embora considere instigante o debate entre a *Agent Network Theory* (ANT), de Bruno Latour, e a *Skilled Practice Involves Developmentally Embodied Responsiveness* (SPIDER), tal como Ingold denomina sua teoria, explorá-lo exaustivamente fugiria dos propósitos do presente artigo. Nesse sentido, ao me referir a *material de trabalho* abaixo, evoco apenas o sentido êmico do termo, sem implicações para o debate antropológico acima mencionado.

15 Os intercâmbios materiais entre produtores e comerciantes de vestuário de Caruaru e comerciantes de produtos eletrônicos de Ciudad del Este, Paraguai, mediados pelo trabalho dos sacoleiros, foram descritos por Rabossi (2008). Alguns informantes, por seu turno, enfatizam a existência de um intenso comércio da sulanca em Angola.

serva são escalas distintas do que Gustavo Lins Ribeiro denomina “globalização popular” (2007). Entre a capilaridade urbana dos carroceiros e os deslocamentos transcontinentais de alguns sacoleiros situa-se o espaço social compreendido por um “sistema mundial não hegemônico” (ibidem) que, no caso específico do bairro em foco, tem na produção e comercialização familiar e vicinal, sua menor unidade. Com efeito, os próprios circuitos comerciais e o sistema integrado de feiras de Pernambuco e da Paraíba – núcleo articulador importante deste sistema mundial constituído por baixo, no caso do Brasil – foram engendrados historicamente pelos intercâmbios entre comerciantes móveis (Souza 2012).

O *sulanqueiro* também não poderia deixar de atuar na feira do Salgado, dada sua profusão em todas as escalas deste circuito. Mas não são muitos os bancos dos *sulanqueiros*, na feira do Salgado. A maioria deles prioriza a feira da *sulanca* de Caruaru, às terças-feiras, bem como suas similares de Toritama e Santa Cruz do Capibaribe (municípios contíguos), já que este é o destino principal dos sacoleiros. Ademais, investir na comercialização da *sulanca* em pleno fim de semana depende da organização familiar específica de cada fabrico. Quando o pai, ou outro familiar, atua apenas como feirante, os demais membros da família encarregando-se do processo produtivo, a investida em todas as feiras possíveis do circuito de feiras da região constitui uma estratégia viável para a comercialização. Nesse caso, é frequente que as feiras de bairro compreendam um espaço adicional às *feiras da sulanca*. Do contrário, quando a produção fica a cargo de todos os membros da família nuclear, em alguns casos, e da família extensa (distribuída amiúde pela vizinhança), em outros, a produção tende a ser prioridade nos fins de semana, uma vez que a feira da *sulanca* deverá ser o destino principal das peças.

E, no entanto, se os bancos expõem as mercadorias da *sulanca* são pouco numerosos nas feiras de bairro, há razões para crer que os *sulanqueiros* constituem grande parte dos feirantes que atuam nesses espaços. É que, tal como a família de José Sinovaldo (*sulanqueiro* e comerciante de carne), outras são as mercadorias que estes personagens vendem nos fins de semana. Os *sulanqueiros* se caracterizam por uma prodigiosa plasticidade profissional e recorrem com regularidade a múltiplas atividades e ofícios. A questão financeira ligada à necessidade de compor um orçamento que atenda às necessidades da família é um aspecto central desta multiplicidade de ofícios. Contudo, *ir à feira do Salgado, fazer a feira* não parece ser uma prática restrita à persecução pecuniária. De modo subordinado ao fator econômico, este território desempenha outras funções sociais. Para o *sulanqueiro*, lançar mão de outra prática profissional pode, além de complementar o orçamento, constituir uma prática com efeitos similares aos da jardinagem, do trabalho com uma horta nos fundos da casa, no contexto daquela forma de “*travail à-cotè*” descrito por Florence

Weber (1989). Com efeito, muito dos produtos de horticultura comercializados na feira do Salgado constituem produção própria dos feirantes, levadas a cabo em terrenos adquiridos com os recursos financeiros advindos da sulanca. O que decorre de um duplo objetivo: adquirir um bem durável *para a família*, uma espécie de patrimônio perene, menos volátil que o dinheiro, de um lado; investir na agricultura de pequena escala, como complemento financeiro para a família, mas também como uma espécie de retorno às atividades profissionais que muitos abandonaram em benefício da produção de vestuário, de outro. Nesse contexto, tal como a produção domiciliar da sulanca, estas atividades paralelas podem circunscrever um espaço de “auto-pertencimento”, segundo aquele sentido formulado por Oliver Schwartz (1990) à cerca da “bricolage”. A feira do Salgado, de modo similar, é também ela a um só tempo, lugar de produção de condições materiais de existência, espaço de sociabilidade, de exercício do “jogo da negociação” (Rabossi 2004), de descanso do trabalho na costura. E também, por isso mesmo, lugar da memória incorporada nos habitus (Shaw 2002) característicos dos trabalhadores da região.

A “vida social” de um corte de jeans

“No Salgado tem de tudo. Tem mecânico, loja de peças, tem de tudo. O mecânico vem em casa, não precisa levar lá. O Salgado é uma cidade dentro de Caruaru. Tem 80000 habitantes. É maior do que Riacho das Almas, São Caetano, Toritama...” (Diano, sulanqueiro).

O percurso precípua que os sulanqueiros fazem, do bairro do Salgado à feira da sulanca (localizada no centro de Caruaru), pode acarretar a impressão errônea de uma via de mão única, na qual os objetos produzidos no bairro passam à feira sofrendo, por fim, uma “diáspora” pela mediação dos *sacoleiros*. E, no entanto, a circulação de objetos entre estes espaços é (perdoe-se a tautologia) circular. A sulanca produzida no Salgado vai à feira, pode dispersar-se com os sacoleiros, mas também retornar ao Salgado, seguir para a feira do próprio bairro, ou alternativamente para Toritama ou Santa Cruz do Capibaribe. Uma abordagem da sulanca sob a perspectiva de sua “biografia cultural” (Kopytoff 1986) e de sua “vida social” (Appadurai 1986) pode ilustrar esta circularidade.

Importa, contudo, registrar que a circulação da sulanca pela região agreste não constitui um movimento prévio necessário a uma segunda escala de mobilidade destes objetos em nível transregional, transnacional e mesmo transcontinental, pela mediação dos sacoleiros. É que, como vimos, no *Salgado tem de tudo*, inclusive os meios necessários ao escoamento residual da produção – a feira do Salgado. O Salgado constitui, no contexto

de Caruaru, um motor econômico e um índice do desenvolvimento de toda a região. É o que diz, em outras palavras, este morador do bairro, que enfatiza também a agência dos próprios moradores:

“Caruaru hoje é o maior PIB do interior de Pernambuco. Você tirando a área metropolitana, nós ultrapassamos o PIB de Petrolina que historicamente era um PIB maior do que o nosso. Então essa atividade comercial e industrial tem se desenvolvido muito fortemente no nosso município, no agreste central como um todo, mas principalmente na cidade de Caruaru e isso tem causado benefícios para todas as regiões aqui da nossa cidade. *O Salgado é um exemplo muito claro disso, né? Tem sido feito vários investimentos pelos próprios habitantes da região ali no bairro do Salgado. Nós estamos vendo o crescimento do comércio do Salgado.* E isso traz todos os reflexos positivos” (ênfases minhas).

Josué Eusébio, historiador e professor da Faculdade de Filosofia de Caruaru, também chamou atenção para este ponto, por ocasião de uma entrevista que me concedeu. “No Salgado, onde você está pesquisando, têm muitas lojas de aviamentos”, disse-me. E emendou dizendo que no setor de aviamentos atuam os grupos economicamente dominantes da sulanca, o que dá uma ideia do poderio econômico do Salgado. “Aqui existe uma loja chamada Avil Aviamentos e Tecidos que o dono está riquíssimo” – comenta Josué.

As lojas de aviamentos são apenas um exemplo da potência econômica do Salgado. Outros fatores relevantes são sua densidade demográfica e, como corolário, sua importância política – “se um candidato criar problemas aqui, ele perde as eleições”, diz seu José Mario. Entretanto, há sim algo de que o Salgado não dispõe em seu território – tecelagens. A matéria prima para a produção de vestuário no polo de confecções do agreste é, em geral, proveniente de São Paulo. Por sua vez, Santa Cruz do Capibaribe é o grande centro de distribuição de tecidos de toda a região agreste. No ano de 1993, aquela cidade era “o maior centro de venda de panos do Nordeste e o segundo do país” (Martins 1993: 201), atrás apenas de São Paulo. Na *capital da sulanca*, conforme Santa Cruz do Capibaribe é conhecida, existem já algumas tecelagens que operam, em média, com de 40.000 fusos e que produzem cerca de 290.000 toneladas de fios de algodão e 126 mil toneladas de malha por mês (ibidem: 199). Nos dias de hoje Santa Cruz do Capibaribe vende tecidos até mesmo para o sul e sudeste do país. Não obstante, o itinerário inverso ainda predomina e a maior parte do pano vendido pelo município é mesmo proveniente das tecelagens de São Paulo.

Os estocadores da matéria prima do agreste parecem investir seus lucros, tal como a maioria dos sulanqueiros também, na edificação de imóveis. Eis aqui novamente aquela prática de empregar o dinheiro em algum bem durável, que não se pode perder facilmente. Disto decorre uma capacidade prodigiosa para estocagem de tecido e, como corolário, de sua comercialização abaixo dos preços praticados pelos grandes centros produtores do país. Há testemunhos de compradores que recorrem a Santa Cruz do Capibaribe por estar ali o melhor preço: “Venho aqui quase toda semana. Fico impressionada como os preços são baixos, bem mais baixos do que em São Paulo”. (Antonieta, empresária da Paraíba, apud ibidem: 178). E, sobre os grandes depósitos estocadores de tecidos, as propriedades de José Rivaldo, famoso em Santa Cruz pelo apelido de *Zé Cueca*, constituem um caso ilustrativo:

“Com duas casas para venda de tecidos no atacado e no varejo, uma com 2 mil metros quadrados e outra com 1200 metros quadrados, Rivaldo tem uma área disponível para estocar 300 mil toneladas de tecidos. Preocupado em não espantar com os números, diz que opera com 50% da sua capacidade, mas quem entra em qualquer um dos seus armazéns tem dificuldades até de circular, em função do amontoado de pano importado de São Paulo”. (ibidem: 179).

É daí que vem, pois, a maior parte do jeans que chega ao Salgado, no mais há *de tudo*. Sigamos daqui o itinerário de um rolo de jeans – ou, conforme o vocabulário tradicional da região, de um *corte* – que, passando de São Paulo aos depósitos de Santa Cruz do Capibaribe, dirige-se finalmente para o Salgado. Digamos que este material tenha sido adquirido por Diano – sulanqueiro informante da pesquisa que me conduziu em um passeio por todas as etapas de sua produção¹⁶. Na garagem de sua própria residência ele abre o rolo de jeans e começa o processo de *enfestar* – isto é, dobrar o tecido sobre a mesa de corte, sobrepondo diversas vezes o material sobre si por meio da dobradura a fim de produzir um festo adequado ao corte do maior volume possível de jeans – que precede a etapa do corte. Em seguida, posiciona os moldes de papel que servem como referência para o corte sobre o festo de jeans para, na sequência riscar o pano. Por fim, executa o corte com a máquina denominada *Serra Fita*. Esta máquina, diferentemente da *máquina de disco* (também empregada no corte do tecido e, contudo, mais leve) é quase sempre operada

16 O potencial heurístico do procedimento que consiste em seguir os fluxos materiais foi também enfatizado por Ingold (2012). No presente contexto, a descrição destes fluxos – ou da vida social de um corte de jeans – ilustra apropriadamente o conceito etnográfico de *fabrico*, com seu caráter multi-situado, distribuído frequentemente por residências vizinhas, o qual pode englobar, portanto, unidades familiares de produção parcelar de vestuário – as *facções*.

por homens. Finalizada a fase do corte a *matéria prima*, tendo assumido parcialmente o formato das peças nas quais ela deverá se converter, é já material de trabalho, ou *serviço*.

Como *serviço* as partes diversas do modelo a ser confeccionado seguem para a *facção* de montagem. No caso do fabrico de Diano, isso implica em transportar parte do material para o quarteirão seguinte à direita daquele no qual se situa sua própria residência e oficina. A outra parcela das peças segue ainda para mais perto, uma casa situada quase diante de sua garagem. Em períodos de grande volume de produção é possível que uma terceira *facção* vizinha a seu fabrico receba também, por sua vez, parte do *serviço*, mas geralmente são duas as *facções* de montagem com as quais este sulanqueiro trabalha. Independentemente do número de *facções*, o fato é que, em decorrência da proximidade entre estas unidades de produção, quase não há custos adicionais com o transporte do material entre elas. Em outras palavras, abstraindo-se os custos com a remuneração da força de trabalho familiar, responsável pela transição do material pelas casas que compõem, por assim dizer, o fabrico de Diano – que inclui sua força de trabalho ela própria – não existem gastos adicionais com combustível, ou indiretamente, com o desgaste dos componentes dos veículos eventualmente empregados em um deslocamento maior. A condução das peças é, pois, levada a curso pela própria família, a pé.

Cada uma destas *facções* que se encarregam da montagem das peças tem em média quatro costureiras. Não tive a oportunidade de conhecê-las, mas é razoável conjecturar que elas estejam relacionadas entre si e com Diano ele próprio, no mínimo por vínculos vicinais já que não é comum encontrarmos costureiros que trabalhem em um bairro diferente daquele de moradia (salvo no caso de residentes da zona rural, mas ainda aqui o vínculo de parentesco ou de *conhecimento* tende a ser um critério de recrutamento profissional). Em primeiro lugar porque não faltam opções de trabalho nos fabricos e *facções* de qualquer dos bairros especializados na produção de vestuário. É, portanto, provável que, diante da oferta de emprego perto de casa, um costureiro não recorra a unidades produtivas mais distantes. Em segundo lugar, por conta da especialização produtiva dos bairros (no Salgado, produção em jeans; em Boa Vista, produção em malha, etc.) que tende a condicionar certa especialização produtiva dos costureiros (embora esta especialização se refira antes à comodidade de permanecer trabalhando com o material habitual, já que a produtividade é uma função da habilidade técnica do trabalhador, do que a uma limitação profissional) e, como corolário, sua permanência nas unidades produtivas da própria vizinhança. O material deverá aqui passar pelas mãos de mais de uma destas costureiras, posto que a execução parcelar da montagem constitui um recurso para a intensificação do ritmo da produção, em um contexto no qual os trabalhadores são remunerados por peças.

Assim, uma costureira monta as mangas de uma peça, enquanto outra conecta suas partes anterior e posterior.

Uma vez montadas as peças assumem nova identidade – são agora *roupas* que carecem de acabamento – jaquetas, calças, bermudas, etc. Como peças de vestuário, elas retornam ao fabrico de Diano para receberem parte do acabamento e alguns componentes complementares. É nosso personagem quem se encarrega pessoalmente da feitura do coço e de um daqueles complementos – a riata (uma espécie de cadarço de jeans). Em seguida, as peças passam à mão de Enrique, irmão mais novo de Diano, com 12 anos de idade. Este menor trabalhador é o responsável por parte da execução do *caseado*, ou seja, as casas dos botões aplicados na maioria dos modelos. Contudo, por conta de seus dias letivos, na escola, Enrique se vê impossibilitado (contra sua própria vontade, já que ele gostaria de sair da escola para ganhar mais dinheiro na sulanca, tendo sido proibido de fazê-lo pela família) de dar conta do caseado de todas as peças produzidas. De modo que outros membros da família também se ocupam desta etapa.

O material – agora já como *mercadoria* – segue então para o fabrico da tia de Diano, onde deverá receber a lavagem e os bordados. Por fim, retorna uma vez mais para sua garagem a fim de receber a limpeza, ser embalado e seguir para a feira da sulanca. Sendo vendido, sofre aquela diáspora transregional, transnacional e mesmo transcontinental. Caso parte da mercadoria não seja comercializada na terça-feira, dia da feira da sulanca de Caruaru, há possibilidades de vendê-la na quarta-feira, na feira da sulanca de Toritama, no domingo ou na segunda-feira seguintes em Santa Cruz do Capibaribe, onde esta feira funciona três dias da semana. Se ainda assim estas peças não saírem, há, antes da terça-feira seguinte, a feira do Salgado. E o material retorna ao bairro para, quem sabe, iniciar novo ciclo.

É quando deixa a região agreste, contudo, que a vida social de nossa peça hipotética de jeans sofre uma transubstanciação mais significativa. “A griffe é a marca que muda não a natureza material, mas a natureza social do objeto” (Bourdieu 1974: 8) – eis aqui a conversão mais fundamental pela qual atravessa nosso *corte* de jeans. A conversão de sua “natureza social” por via da aplicação da etiqueta de *loja cara*, conforme Diano se refere às lojas de destino de sua produção. Passa da *sulanca* à “griffe” e, com isso, legitima um conjunto absolutamente distinto de relações e distinções sociais. Não me demorarei sobre tais relações e distinções sociais uma vez que fugiria muito do objetivo deste artigo, mas imaginá-las constitui um exercício heurístico que, por efeito de contraste, faz emergir as relações e distinções em jogo no interior do bairro do Salgado e entre os sulanqueiros dos fabricos e, ainda, suas conexões com facções, lavanderias, lojas de aviamentos, de tecidos,

de máquinas de costura e peças de máquinas, mas também eletricitas, encanadores, etc. A circulação de objetos por meio destas esferas distintas do bairro do Salgado pode ser pensada como um circuito de comunicação, de circulação de conhecimento. Um corte de jeans que ao transitar pelas mãos dos sulanqueiros e outros profissionais do bairro se transforma em outra coisa (peças de vestuário) produz também a conexão entre distintas modalidades de conhecimentos técnicos e sociais. “Commodities represent vary complex social forms and distributions of knowledge”, argumenta Appadurai (1986: 40). A organização familiar e vicinal da produção, característica dos fabricos e de muitas facções constitui, no conjunto, o próprio sistema de distribuição de conhecimento no bairro. É observando a circulação de objetos e pessoas neste território que conseguimos visualizar as vantagens competitivas dos pequenos sulanqueiros diante dos grandes confeccionistas; vantagens que decorrem deste sistema de conhecimento técnico (ligado ao processo produtivo) e social (as relações de produção nativas). Comentando o artigo de Igor Kopytoff, “The cultural biography of things”, Arjun Appadurai argumenta que a fase “mercadoria” pela qual certas coisas atravessam ao longo de suas vidas sociais depende dos contextos culturais no interior dos quais tais objetos são classificados. Um rolo de jeans que é *mercadoria*, no contexto dos fornecedores de São Paulo e Santa Cruz do Capibaribe é antes *matéria prima* para o sulanqueiro do Salgado. Passa a *serviço* nas mãos das costureiras e costureiros dos fabricos e facções, onde, pelo trabalho mesmo destes profissionais, converte-se em *roupas*, ou neste contexto cultural específico, *sulanca*. A *sulanca* comercializada na feira e, conforme o ponto de vista, carregada do estigma de *roupas de baixa qualidade* é a *mercadoria* dos sulanqueiros e também dos sacoleiros. Seguir a trajetória biográfica de uma peça de jeans nos permite visualizar os paradoxos dos diferentes regimes de classificação cultural deste objeto – da roupa de baixa qualidade à roupa de griffe. A aplicação da etiqueta da *loja cara* (conforme nos diz Diano) constitui o ato mágico que converte as peças quase impuras da feira da *sulanca* em vestuário socialmente valorizado e demarcador de *bom gosto*.

Como vimos, a fase do Salgado da “vida social” de nosso *corte* de jeans consistiu no contato com cerca de dez pessoas e, no mínimo, quatro residências/unidades produtivas do bairro – abstraindo-se sua circulação anterior, em São Paulo e de lá até Santa Cruz do Capibaribe seguindo, por fim, para o Salgado. Entrementes, dois processos intrinsecamente conectados ocorreram: de um lado, a transmutação da matéria prima em mercadoria da *sulanca*, isto é, uma mercadoria de *baixo custo*, conforme a definem os sulanqueiros; de outro, a conexão entre vizinhos relacionando-se num contexto profissional (portanto, de transação comercial) não separado, contudo, de práticas de cooperativismo ou ajuda mútua nas quais o parentesco e a vizinhança (como a base para as relações de produção e para a distribuição de conhecimento) conduzem à redução dos custos com a produção. A

partir de um diálogo com Simmel, Appadurai argumenta que a troca entre mercadorias – mas poderíamos acrescentar, entre serviços – não constitui um subproduto da valoração mútua dos objetos trocados, mas a própria fonte do valor destes objetos. É o sacrifício que uma das partes oferece em troca do objeto da outra parte que engendra o valor. As relações de produção entre os trabalhadores dos diferentes “núcleos” desta linha de montagem constituída pela vizinhança e na vizinhança são também, como podemos ainda testemunhar nos arranjos acordados entre Diano e sua tia, relações entre sacrifícios. Assim, sua tia abre mão de cobrar o preço de mercado pela lavagem e bordado das peças (concedendo-lhe um desconto de R\$0,10 em decorrência do vínculo de parentesco), enquanto Diano compromete-se a lhe dar primazia na execução do *serviço*. Os membros da família sacrificam-se também em jornadas de trabalho surpreendentemente elásticas no intuito de ganhar mais dinheiro com a quantidade de peças produzidas e vendidas do que com seu preço. É esta troca de sacrifícios entre parentes e vizinhos – em outras palavras, uma autoexploração familiar e vicinal – um dos elementos centrais responsáveis pelas *roupas de baixo custo* características da *sulanca*.

Mas a troca entre sacrifícios propriamente comercial, isto é, o comércio propriamente dito, em outras palavras, a circulação de objetos sob a forma de mercadorias, no interior do bairro do Salgado, parece ser também um fator responsável pelo fato de nesta “cidade dentro do país de Caruaru” *ter de tudo*. Nestes circuitos de intercâmbios materiais, os objetos estão também investidos de agência social (Gell 1998). Parte desta agência refere-se aos sistemas de informação objetivados nestes circuitos.

Uma questão sobre a qual seria preciso refletir seriamente é a semelhança entre os dispositivos de *redução dos custos com a produção*, característicos dos novos *sistemas de gerenciamento de produção* perfilhados pelos *consultores* das entidades patronais e empresariais (do que o SEBRAE constitui um exemplo) – certamente os arautos da *reengenharia produtiva* e da ideologia do “management” (Bourdieu 1998) no agreste pernambucano – por um lado, e as estratégias para a produção de roupas de *baixo custo* levadas a curso pelos *sulanqueiros*, de outro. As grandes *confecções* (isto é, fábricas de grande ou médio porte, com mais de cinquenta trabalhadores e podendo chegar a algumas centenas) podem ser apontadas como as unidades produtivas que mais se aproximam da lógica dos *consultores* (embora de maneira relativa); os *fabricos* familiares, por seu turno, são o lócus das práticas dos *sulanqueiros*. Por ora, tendo adentrado o universo social do bairro do Salgado, podemos ao menos inferir um contraste entre estes dois sistemas de práticas aparentemente muito similares – a saber, o fato de que o primeiro impõe a *redução de custos* sobre trabalhadores submetidos a relações de assalariamento (exploração da força

de trabalho alheia), e não sobre os proprietários das confecções; o segundo, inversamente, fundamenta-se na autoexploração da família proprietária do fabrico a qual permanece com a posse do produto de seu trabalho e o comercializa diretamente, na feira da sulanca. Sob este ponto de vista, o Salgado constitui, por assim dizer, um bairro-fabrico já que são majoritárias as relações do segundo tipo, neste território.

Considerações finais

Um urbanista que eventualmente leia este relato poderia argumentar que tratar um bairro como o Salgado em termos de uma cidade autônoma, no interior da chamada capital do agreste, é ignorar o acesso e utilização do vasto conjunto dos equipamentos urbanos que a noção abrangente de direito à cidade supõe. Sem dúvida, do ponto de vista da infraestrutura urbana, tal como tradicionalmente a conhecemos, este bairro está longe de garantir o direito de seus habitantes trabalhadores à cidade. A mencionada crítica à poluição dos rios registrada em um outdoor sugere ausência de saneamento básico e rede de esgoto na maior parte dos bairros de produtores de vestuário. Por seu turno, o crescimento vertical espetacular do centro, bem como a elevação dos valores imobiliários no próprio Salgado (conforme testemunha a epígrafe), constituem evidências de gentrificação (Maricato 2013) das regiões mais próximas dos núcleos comerciais (por exemplo, o entorno da feira).

E, no entanto, se a sofisticação de certas lojas dos arredores da feira do Salgado indica a presença de forças centrífugas, com potencial para expulsar os pequenos produtores e comerciantes artesanais e familiares, a presença da tradicional feira livre representa, no contexto específico do agreste pernambucano, uma poderosa força centrípeta e democrática. Nestes territórios o controle dos meios de produção (as máquinas de corte e costura, por exemplo, que podem ser adquiridas mediante acesso a crédito – não apenas bancário, mas informal, baseado na confiança entre parentes, vizinhos e amigos) só se traduz em desenvolvimento familiar em combinação com o acesso democrático aos meios de comercialização, objetivados na feira livre. As próprias lojas contíguas à feira devem sua existência a esta que, em linguagem da geografia urbana, polariza as áreas de afluxo dos compradores.

Se a grande especulação imobiliária que ronda o centro de Caruaru constitui sinal da expropriação rentista do trabalho dos sulanqueiros, a verticalização dos bairros dos trabalhadores pode ser tomada como um índice do acesso a uma parcela da renda, possibilitada pelo trabalho vicinal e pela a comercialização direta nos circuitos de feiras

livres da região. Se, ao chamar a atenção para as estratégias **êmicas** de desenvolvimento local, este relato contribuir para evitar um gênero de colonialismo urbanístico centrado no conhecimento acadêmico, a pesquisa terá chegado a bem termo. Sem dúvida, o acesso e usufruto dos equipamentos urbanos tal como definidos pelos urbanistas constitui um direito inalienável. Entretanto, se, como sugeriu recentemente David Harvey (2014), o direito à cidade é, dentre outras coisas, o direito de reinventar a cidade, então uma condição de possibilidade para a sua concretização é o diálogo permanente e simétrico entre o urbanismo e, por assim dizer, o etno-urbanismo. Em um momento no qual o primado da financeirização retorna ao procênio da política econômica brasileira, o debate sobre as estratégias de desenvolvimento local, baseadas na produção familiar e vicinal se reveste de grande relevância.

Referências

- APPADURAI, Arjun. 1986. *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BOURDIEU, Pierre. 1998. *Contre-feux: propos pour servir à la résistance contre l'invasion néolibérale*. Paris : Raisons D'Agir.
- _____. 1974. "Alta costura e alta cultura". *Noroit*, 192. (versão em PDF).
- COMERFORD, John Cunha. 2003. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- CONDÉ, José. 1968. *Terra de Caruaru*. Rio de Janeiro: Edições Bloch.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. 2000. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ESPÍRITO SANTO, Wecisley Ribeiro do.; OLIVEIRA, Eugênia; OLIVEIRA, José Mário de.; OLIVEIRA, Eugênio Mário de. 2017. "Trabalho e mobilidade: uma biografia familiar e seus contextos culturais". In: *Revista da ABET*. Volume 16, N. 2. ISSN 1676-4439.
- ESPÍRITO SANTO, Wecisley Ribeiro do. 2015. "Não ser empregado, não ter empregado: o trabalho com a família, para a família e suas variações". *Anuário Antropológico*. ISSN 0102-4302. Brasília, UnB, v. 40, n. 1: 257-278.
- _____. 2013. "Feira da Sulanca: tradições, mudanças e conflitos sociais em Caruaru/PE". In: Leite Lopes, José Sergio; Ciocari, Marta. (Org.). *Narrativas da desigualdade: memórias, trajetórias e conflitos*. 1ed. Rio de Janeiro: Mauad, v. I, p. 15-35.
- _____. 2013. *Sulanqueiras: o trabalho com vestuário e outros ofícios em Caruaru-PE*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.
- _____. "Memórias de Família: a costura de vestuário e outros ofícios em Caruaru-PE". In: *Illuminuras* (Porto Alegre), v. 13, p. 218-235, 2012.
- HARVEY, David. 2014. *Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes.

- INGOLD, Tim. 2012. "Toward an Ecology of Materials". In: *Annual Review Anthropology*. ISSN 41427-442.
- KOPYTOFF, Igor. 1986. "The cultural biography of things: commoditization as process". In: Appadurai, Arjun. *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 64-91.
- LEITE LOPES, José Sergio. 1988. *A tecelagem dos conflitos de classe na 'cidade das chaminés'*. São Paulo: Editora Marco Zero.
- LYRA, Maria Rejane Souza de Britto. 2005. "Sulanca X Muamba: rede social que alimenta a migração de retorno". In: *São Paulo em perspectiva*. vol.19 no.4 São Paulo Oct./Dec. ISSN 0102-8839.
- MARICATO, Ermínia. 2013. "É a questão urbana, estúpido!" In: Maricato, Ermínia et al. *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior.
- MARTINS, Magno. 1993. *O nordeste que deu certo*. Recife: Editora Comunicarte.
- Nora, Pierre. 1989. "Between Memory and History: les lieux de memoire". *Representations*, 26: 7-25.
- PINA CABRAL, João de; LIMA, Antónia Pedroso de. 2005. "Como fazer uma história de família: um exercício de contextualização social". *Etnografica*. Vol. IX (2), (p. 355-388).
- RABOSSI, Fernando. 2008. "Em la ruta de las confecciones" in: *Critica en desarrollo: revista latinoamericana de ciencias sociales*. número 02, segundo semestre, ISSN: 1851-4472.
- _____. 2004. *Nas ruas de Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. 2007. "El sistema mundial no-hegemónico y la globalización popular". *Série Antropologia*. Vol. 410. Brasília: DAN/UNB.
- SCHAWARTZ, Oliver. 1990. *Le monde prive des ouvrier: hommes et femmes du Nord*. Paris: Quadrige/PUF.
- SHAW, Rosalind. 2002. *Memories of the slave trade: ritual and the historical imagination in Sierra Leone*. Chicago and London: Chicago University Press.
- SOUZA, Alana Moraes de. 2012. "A gente trabalha onde a gente vive". *A vida social das relações econômicas: parentesco, "conhecimento" e as estratégias econômicas no agreste das confecções*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/ Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia.
- WEBER, Florence. 1989. *Le Travail à-côté: Étude d'ethnographie ouvrière*. Paris: Ed. De l'École des hautes études em sciences sociales.

Recebido em 29 de agosto de 2017.

Aceito em 09 de janeiro de 2018.